

Laboratório de topologia psicanalítica, política e paranoia

*

fundamentos

topologia psicanalítica

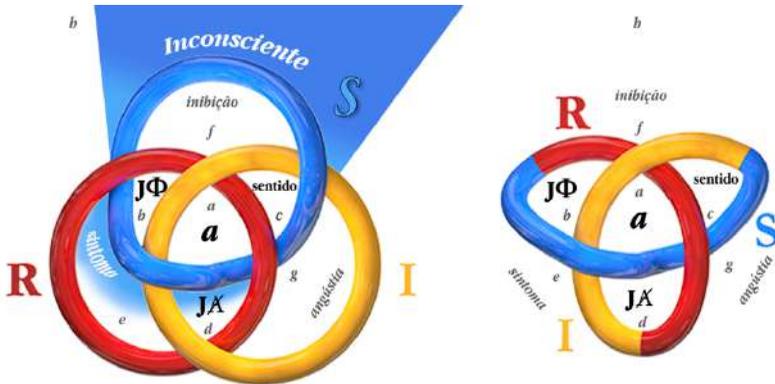


Figura 1: Lacan: A cadeia R.S.I e o nó de Trevo.

A ligação entre topologia psicanalítica, política e paranoia, é esclarecida a partir do percurso e da obra do psicanalista Jacques Lacan, tendo em vista a releitura que realizou da descoberta freudiana. Significa afirmar que não partiremos do princípio de que há uma evolução que pode ser acompanhada linear e cronologicamente até o fim de sua trajetória. Isso porque, é preciso reconhecer que se a topologia é apresentada pelos objetos de superfície, assim como

pelos grafos e nós em momentos diferentes, isso não significa que as primeiras indicações sejam menos relevantes que as últimas. Até porque, pode-se fazer retomadas das primeiras contribuições de Lacan para a Psicanálise, seja da psicose paranoica, seja do estágio do espelho, desde as últimas articulações do nó borromeano, esclarecendo-as e introduzindo novas questões. Tal como seu percurso revela, há uma íntima ligação entre os momentos em que procura avançar algumas elaborações, e os recursos de que se vale para levá-las adiante.

Mas, afinal, por que a topologia vai ter um lugar tão destacado quando sabemos das inúmeras ligações de Lacan com outras áreas de saber para além dela? Nessa mesma direção, vale lembrar que não se pode simplesmente deixar de falar de um certo cansaço que algumas apresentações promovem, ao insistir excessivamente nas formalizações da experiência clínica, a tal ponto, que simplesmente fazem desaparecer a clínica, em nome de melhor articulá-la. O que não significa que haveria uma espécie de meio termo ideal, onde a clínica e a teorização dela avançariam, tornando possível uma escrita e revelação integral da primeira. Mais do que isso, se trata de se manter advertido pelas palavras de Richard Sennett, quando afirma:

“O desejo de qualidade do artífice cria um perigo motivacional: a obsessão de fazer com que as coisas saiam à perfeição pode deformar a própria obra. Sustento que nos arriscamos mais a fracassar como artífices em virtude de nossa incapacidade de organizar a obsessão do que por nossa falta de habilidade”¹.

Avançando nos esclarecimentos interrogamos: *podemos trabalhar sem a topologia?* Título provocativo de um artigo do psicanalista Bernard Vandermersch que nomeia a primeira de suas doze lições de topologia². Ao decidir pelo não como resposta, o que justifica essa posição? Para alguns, solidários desde muito tempo com a

¹ O artífice, pag 21, Ed Record.

² Douze leçons de topologie à Montpellier, Ed ALL.

convocatória “todos lacanianos”, haveria somente uma alternativa ao que se encontra ressaltado pelo mestre afirmando: Todos pela topologia! Assim, muitos dos alunos de Lacan, os quais estudamos, por não fazer menção a ela, tanto quanto outros que são nossos colegas, poderiam ser, enfim, desautorizados. Vale advertir que esse tipo de crítica é solidária de uma concepção da topologia onde ela é reduzida a seu caráter representacional, praticamente como se a presença de figuras de objetos, grafos e nós num texto fosse sinônima de incluí-la. Não somente se a reduz a um instrumento de demonstração dessa maneira, mais do que isso, nos distanciamos da íntima ligação entre função da fala a partir do discurso analítico, e a topologia que advém daí. Afinal, foi o próprio Jacques Lacan que no capítulo V do Seminário XIX, cujo título é: *Topologia da fala*, quem nos adverte: “Essa é a topologia fundamental de que decorre toda função da fala. Qual é a função da fala? O discurso do analista é a conta certa para fazer surgir essa questão”

Se não se trata de subscrever o uso da topologia para fazer estética representacional, mas sim, como lembra Lacan, ligada ao discurso analítico, o que leva a indicar a presença desse campo matemático, sinônimo de “ciência dos espaços e suas propriedades”³ ser de nosso interesse, e ainda, de tal forma decisivo, que possamos nomeá-lo como topologia psicanalítica?

Aprendemos com Freud que o aparelho psíquico, nomeado por ele, não coincide com a função e nem com a localização do cérebro humano. Revela-se, pelo inconsciente, uma nova concepção de espaço, ao mesmo tempo em que, pela noção de sintoma, uma Outra referência de tempo passa a vigorar. Por isso mesmo, o psicanalista e topólogo Luís Carlos Petry vai iniciar seu livro, “A conjectura lacaniana”⁴ mostrando que a correspondência entre a topologia e a prática é, desde Lacan, “marcada pela questão dos tempos”.

³ A topologia de Jacques Lacan. Jeanne Granon-Lafont.

⁴ Petry, Luís Carlos. A topologia e o tempo: a conjectura lacaniana. Curitiba. Ed. Kottter

Entendendo, prossegue ele, que “a categoria do tempo não é mais pensada como sucessão, mas sim como procedimento.....” E ainda, que em lugar da demonstração se trata de mostração, ou seja, de diferentes transformações que são realizadas e passíveis de serem acompanhadas nas superfícies sobre as quais se trabalha. Assim, não somente a referência ao tempo se modifica, tal como em Freud, mas também a noção de espaço. Nesse sentido, a geometria euclidiana referida a uma separação entre o interior e o exterior imajada no círculo, cede lugar a uma concepção de “extimidade”, na qual o exterior é, desde sempre, constitutivo do interior. Pelo exposto, a topologia se qualifica como psicanalítica na medida em que a exterioridade íntima se revela e se afirma, através das marcas que o desejo do Outro imprime na constituição do sujeito.

Se o tempo e o espaço podem ser indicados como os elementos que realizam a homologia entre prática psicanalítica e topologia, resta ainda sustentar os motivos pelos quais um psicanalista seria levado a reconhecer tal *intromistura*.

Quando acompanhamos os diferentes usos dos objetos topológicos, assim como os motivos que levam a serem escolhidos, sejam eles grafos ou nós, podemos constatar uma modificação da materialidade da experiência que nos reúne. É exatamente nesse ponto que muitas das evitações da topologia são fundadas. Como se o vivido da prática, o conjunto dos impasses e afetos fossem negligenciados e substituídos pela aridez da matemática. Tal acusação não é sem fundamento, desde que possamos reconhecer que é pela via da decantação da experiência e redução dela a uma modalidade de escrita, que é a topologia, é que nos encontramos, sem saber, com o que opera em nossa prática, seja como psicanalista, seja como psicanalisante. Isso porque, a topologia é uma escrita que insiste em escrever o impossível de dizer do que acontece durante uma análise. Em outras palavras, ao insistir na topologia como escrita da experiência analítica, se cultivam os recursos necessários para que a Psicanálise se mantenha como uma das profissões impossíveis. Entendendo que o impossível em jogo não é sinônimo

de impossível de conduzir um tratamento, mas sim , de continuar apostando que é pela decantação, pela insistência de escrever e transformar em Outra coisa o que se experimenta, que o ser de desejo se aproxima mais intimamente da relação entre o saber e a verdade que lhe concernem. Nesse caminho ele se aproxima da mesma aposta do poeta e do artista.

política



Figura 2: David Alfaro Siqueiros (1945): Mural, *A nova democracia*.

Nada mais estranho e avesso ao que veio sendo enunciado, do que alinhar topologia psicanalítica com política. Sim, certamente, desde que estejamos empenhados em sustentar a política referida tão somente a ligação que ela passou a estabelecer na modernidade, entre a “doutrina do Estado” e a teoria de Hobbes, que a define pelo exercício do poder, ou seja, “consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem”⁵.

⁵ Dicionário de política, Norberto Bobbio, Ed UNB

A ligação da política com o inconsciente foi sustentada por Lacan numa passagem do Seminário: *A lógica do fantasma*, onde ele afirma que:

“...se Freud escreveu em algum lugar que “a anatomia é o destino” há aí talvez um momento onde, quando se voltar a uma sã percepção do que Freud nos descobriu, se dirá não digo mesmo “política é o inconsciente”, mas simplesmente, o inconsciente é a política”⁶

Citação que promove uma série de desdobramentos, dentre os quais uma diferença com Freud no tocante a política, já que, em seu caso, se tomarmos como referência “Psicologia das massas e análise do eu”, podemos afirmar o inverso, a política é o inconsciente. Isso porque, “a política é o inconsciente no sentido de que uma e outro respondem pela mesma estrutura e causa”⁷ qual seja, a estrutura que se monta pela identificação.

Em se tratando de Lacan, não somente haverá o afastamento da política em relação ao ideal, lugar de sustentação do líder, mas também, em função disso, nos levará a ter de deslocar a ênfase no discurso do mestre. Conseqüentemente, o privilégio passa a ser orientado pela ligação com o gozo que o inconsciente responde desde sua causação pelo fantasma.

Pelo exposto, a ligação do inconsciente com a política, a partir de Lacan, nos leva a ter de se haver com problemas que não se reduzem aos impasses trazidos pela hierarquia, mas sim, com os empuxos aos quais os sujeitos consentem, pela ligação entre inconsciente, gozo e fantasma. Tais empuxos são agenciados pelos diferentes discursos que participam do laço social num determinado momento histórico. Mais uma vez retornamos a ligação entre topologia psicanalítica e o estatuto da fala promovida pelos discursos, o que implica em ser levado a discernir as condições possíveis de corte, ou não, nas posições dos sujeitos que consentem às

⁶ Sessão do dia 10 de maio de 1967, Ed. CEF Recife.

⁷ Psicoanálisis y política, una amistad estructural, Gustavo Stiglitz, Ed Grama.

demandas de gozo sem interdito, que proliferam na atualidade.

paranoia



Figura 3: Francisco de Goya (1819-1823) – detalhe da pintura *Saturno devorando um filho*.

De forma a poder acompanhar a proposta do Laboratório de incluir a paranoia como um de seus temas, junto a topologia psicanalítica e a política, é preciso, por um lado, deslocar o delírio de perseguição como o termo que a define. Isso porque, assim apresentada, não somente se faz equivaler a paranoia com a psicose paranoica, mas também se perde de vista que, mesmo na condição psicótica a consistência do delírio de perseguição não é efeito de um transtorno do pensamento que leva o sujeito a uma adulteração da realidade. A partir da experiência psicanalítica e seus recursos diagnósticos, a psicose paranoica é definida pela modalidade de incidência do objeto causa de desejo, nesse caso, o objeto voz se torna o responsável pela prevalência do olhar⁸. Por isso mesmo Lacan irá falar de “congelamento do desejo”, ou ainda, de

⁸ Lacan, Jacques. Seminário RSI, sessão do dia 08/04/1975.

“colagem imaginária”.

Como indicado antes, falar de paranoia não se restringe a condição do sujeito psicótico. Isso porque, há uma constante paranoica⁹ que nos habita. Ela é efeito de uma das identificações formadoras do sujeito se constituir a partir de uma alienação a imagem do semelhante, levando a que a sombra dele estabeleça a autonomia integral como uma das fantasias mais solidárias da loucura. Por outro lado, a paranoia entendida desde nossa constituição permite distinguir conhecimento paranoico, de saber inconsciente, ser falado, de ser invadido pelo Outro, pulsão homossexual referida por Freud no caso Schreber, de transexualismo psicótico, antecipação paranoica, de pressa como causa do desejo, projeção de ciúme na neurose, de projeção delirante, relação com a verdade, de relação com a certeza.

Sabemos também que a paranoia, seja na referência da psicose paranoica, seja pelo estabelecimento da convicção e da crença, é formadora de laços sociais que vão desde as seitas até os responsáveis por tiranias, fascismos e genocídios. Cada um deles compartilha de um traço em comum, qual seja, a ideia de que a pureza só é conquistada pela destruição¹⁰.

O que a convicção paranoica instala é um colamento do sujeito com a concepção que ele tem de si mesmo e de seu mundo, ou seja, é desde a paranoia que nos encontramos preocupados a abordar uma das questões candentes de nossa época, a identidade e os agrupamentos que a incitam. Como é possível fazer furo, de maneira a reduzir a endogamia e o ódio que tais comunidades cultivam em relação ao dessemelhante? Questão que, dentre tantas outras, pretendemos avançar de forma a cultivar condições de corte e transformação.

⁹ Estruturas lacanianas das psicoses, CapIII, C. Melman, Ed Artes médicas

¹⁰ Purificar e destruir, J Sémelin, Ed Difel.

organização

do funcionamento do laboratório

Para o ano de 2025 estão previstos quatro encontros, cada um deles realizados na cidade de São Paulo, com transmissão via zoom para os que não puderem vir presencialmente.

Em dois encontros, no primeiro e no terceiro, cada um de seus responsáveis, em número de três, irão realizar um comentário das apresentações de pacientes realizadas pelo psicanalista Charles Melman, reunidas no livro *Présentation de malade*, ed ALI. Uma vez que dois dos comentadores, além de serem psicanalistas, também possuem formação em Psiquiatria e topologia, eles irão abordar as passagens nas quais esses campos suplementares possam trazer consequências para a discussão ao final. No segundo e no quarto encontro, serão apresentados os elementos que permitem estabelecer, a partir da paranoia, uma retomada do conceito de fronteira, sua relação com o corpo e o espaço. Assim, serão construídas, passo a passo, as condições de estabelecimento dos diagnósticos diferenciais, ao mesmo tempo em que se avança na extensão da Psicanálise, privilegiando a prática de invasão de fronteiras que vemos se proliferar à nossa volta pela política, como sinônima de guerra sem fim.

Por que a utilização das apresentações de pacientes pelo Laboratório? Porque é a partir delas que podemos recolher dois aspectos formadores do ensino de Lacan. Sendo o primeiro aquele que é responsável pelo estabelecimento da clínica “enraizada na unicidade do caso, ou ainda, seu caráter original, enquanto

atipicidade”¹¹. O segundo aspecto se refere ao que o dispositivo de apresentação de pacientes permite recolher, enquanto uma experiência que se dá a ver e ouvir, sem recobrimento. Sendo esse último aspecto um dos fatores responsáveis pela inclusão da apresentação de pacientes, por Lacan, do início ao final de seu percurso na Psicanálise, na formação dos psicanalistas. Além de ser estruturada numa condição ternária que a distinguiu da tradição de apresentação de pacientes, pela Psiquiatria, onde ela foi assimilada como meio de ensino através do espetáculo da loucura.

modalidades de participação no laboratório

Existem duas formas de participação. Uma delas por decisão individual, sem qualquer tipo de vinculação institucional, psicanalítica, ou não. Nesse caso, o participante, seja pelo acompanhamento via zoom, seja presencial, realiza, o pagamento da taxa de inscrição. Para realizar a inscrição, assim como para receber as coordenadas do Zoom, as informações serão disponibilizadas a partir de 15 antes do primeiro encontro do Laboratório. Será disponibilizado um endereço de e-mail para a realização das inscrições

A segunda modalidade de inscrição é realizada pelo apoio dado pelas instituições à proposta do Laboratório. Significa que cada instituição que venha a apoiar a iniciativa através de uma doação por encontro, em média de quinhentos reais a cada vez, permitirá que os seus membros interessados estejam isentos de pagamento. Basta que realizem a inscrição indicando a instituição a que pertencem. O objetivo dessa modalidade é de tornar mais íntima a proposta do Laboratório na formação dos psicanalistas, permitindo que as questões sejam discutidas de forma a fazer avançar, tanto o Laboratório, quanto as instituições que venham aderir a ele.

¹¹ Primeiros escritos de J Lacan reunidos por J A Miller, pag 07, Ed Jorge Zahar.

Lembramos, também, que nenhum dos coordenadores responsáveis recebe pagamento pela realização dos encontros do Laboratório. Toda a verba reunida é utilizada para pagar locação do espaço, infraestrutura e deslocamento de dois de seus coordenadores.

datas, horários e local de encontros

Primeiro encontro: dia 23/05/2025.

Segundo encontro: dia 08/08/2025

Terceiro encontro: dia 24/10/2025

Quarto encontro: dia 12/12/2025

O dia da semana de cada encontro é fixo, sexta-feira, das 18:30 às 21:30 horas.

Local: Rua João Moura 647, Auditório, Perdizes, São Paulo

coordenadores

Eduardo de Carvalho Rocha

Luís Carlos Petry

Mauro Mendes Dias

Eduardo de Carvalho Rocha

Psiquiatra e psicanalista, membro do *Espaço-Oficina de Psicanálise* (Rio de Janeiro), da *Associação lacaniana internacional* (ALI) e da *École Psychanalytique de Sainte-Anne*, Ex-diretor do *Hospital Psiquiátrico de Jurujuba* onde coordenou por vários anos uma atividade de apresentações clínicas, assim como colaborou nos programas de residência em psiquiatria e em saúde mental da *Secretaria Municipal de Saúde de Niterói*. Nos últimos anos coordena uma oficina de psicosses no *Espaço-Oficina de Psicanálise* onde tem privilegiado a leitura de textos de Marcel Czermak e Charles Melman. O interesse pela topologia é mais recente e adveio com a possibilidade de identificar e escrever arranjos subjetivos que alguns psicóticos ‘inventam’, muitas vezes apoiados na transferência e, com isso, abrir portas que a psicopatologia não pode franquear.

Luís Carlos Petry

Psicanalista, topólogo e filósofo. Professor aposentado na *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (2000-2019). Trabalhou como professor assistente do matemático e topólogo Carlos Ruiz (1984-1987). De 2000-2016, foi professor convidado e conferencista em diversas universidades na Europa. Professor parecerista da FAPESP. Atualmente desenvolve o curso extensivo em topologia psicanalítica, teoria psicanalítica, além de se dedicar à clínica psicanalítica e às supervisões de casos clínicos. Publicou o livro *A topologia e o tempo: a conjectura lacaniana*, pela Editora Kottter. Canal de topologia psicanalítica 3D no YouTube: <https://bit.ly/2YHinOa>

Mauro Mendes Dias

Psicanalista. Membro fundador e diretor presidente do *Instituto Vox de pesquisa e formação em Psicanálise*. Conduz Seminário sobre Enlaçamentos e desenlaçamentos do inconsciente no

Instituto Vox. Realiza apresentação de pacientes a mais de 20 anos. Orienta bibliografia das atividades sobre psicose e perversão no Instituto Vox. Autor de livros e artigos de Psicanálise, sendo o último deles, *Entre baratas e rinocerontes*. Ed. Iluminuras. No prelo um livro sobre *As fronteiras da psicose*. Ed. Iluminuras.